

A participação feminina na agricultura agroecológica: um estudo do caso na região norte do Rio Grande do Sul

Female participation in agro-ecological agriculture: a case study in northern Rio Grande do Sul

Jordana Georjin, José Geraldo Wizniewsky, Gislayne Alves Oliveira e Ana Lúcia Denardin da Rosa

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

A agroecologia tem se mostrado como uma possibilidade significativa de renda para os agricultores rurais e de qualidade de consumo para as populações urbanas que desejam alimentos ecológicos. Comparando a porcentagem de pequenos agricultores que ainda permanecem no campo, é pequena a parcela que opta por esse tipo de produção. Diante deste cenário o presente trabalho teve como objetivo analisar as mudanças que a agroecologia gerou no cenário da agricultura familiar por meio de entrevistas realizadas com agricultoras, tendo em vista a participação da mulher nesta atividade. Com o auxílio da EMATER, foram realizadas visitas em propriedades localizadas nos municípios de Ronda Alta, Três Palmeiras e Rondinha, obtendo relatos de como a agroecologia vem mudando a vida dessas mulheres no campo. Os resultados iniciais atenderam o objetivo principal da EMATER e demais entidades envolvidas, a qual trouxe uma estabilidade financeira para que o produtor pudesse permanecer no campo. Como consequência a participação e a autonomia que o processo trouxe para as mulheres, ficaram eminentes, mediante a sua valorização, deixando de lado aquela visão de mulher somente do lar. Contudo as perspectivas futuras desta atividade na região são pouco animadoras, visto que a parcela de jovens que pretendem dar continuidade as atividades é pequena.

Palavras-chave: Mulheres. Agricultura familiar. Agroecologia.

Abstract

The agroecology has proven to be a significant possibility of income for rural farmers and quality of consumption for urban populations wishing ecological food. Comparing the percentage of small farmers who remain in the field, it is the small portion that chooses this type of production. Against this background the present work was to analyze the changes that agroecology generated in family farming scenario, giving greater emphasis will women's participation in this activity. With the help of EMATER, visits were made in properties located in the municipalities of Ronda Alta, Three Palms and Rondinha, getting reports on how agroecology is changing the lives of these women in the field. Initial results met the main goal of EMATER and other entities involved, which brought financial stability for the producer to keep up on the field. As a consequence of participation and autonomy that the process brought women, they were distinguished by their valuation, leaving aside the woman's view of home only. However the future prospects of this activity in the region is bleak, as the share of young people who want to continue the activities is small.

Keywords: Women. Family farming. Agroecology

1 Introdução

A agricultura familiar ganha relevância no cenário brasileiro a partir dos anos 90, quando é reconhecida como setor estratégico para a manutenção e recuperação do emprego, para redistribuição da renda, para a garantia da soberania alimentar do país e para a construção do desenvolvimento sustentável (Bittencourt, 2000).

A produção familiar tem se revelado como desejável, social, econômica e ecologicamente. Uma vez que ela emprega mais pessoas para a produção de alimentos com baixo custo e reduz custos de manutenção da família pela produção diversificada, o que possibilita a melhoria da qualidade de vida e a autossuficiência alimentar. Ela se justifica pela possibilidade de convívio próximo com o ecossistema no qual se insere. Neste sentido, Do Carmo (2001), situa os espaços da agricultura familiar enquanto um lugar privilegiado para o desenvolvimento sustentável. Para que este desenvolvimento ocorra, há necessidade de um conjunto de mudanças sociais e políticas – busca de equidade, da solidariedade, de inclusão social, entre outros, assim como, as mudanças nas relações de gênero.

As mulheres adquiriram historicamente um vasto saber sobre os agroecossistemas que manejam. Desempenham importante papel como administradoras do fluxo de biomassa, conservação da biodiversidade e domesticação de plantas, demonstrando em muitas regiões do mundo um significativo conhecimento sobre as espécies de recursos genéticos e filogenéticos e assegurando por meio de sua atividade produtiva as bases para a segurança alimentar (SEMA, 1997). Esse papel é tão mais importante quando considerarmos que a conservação e o uso da biodiversidade constituem-se como ponto chave para a defesa da agricultura familiar com base agroecológica e também se considerarmos que a biodiversidade é protegida pela diversidade cultural.

Quando comparados os percentuais de mulheres ocupadas e sem remuneração entre os setores da economia, a invisibilidade do trabalho feminino se evidencia. Segundo Melo & Sabato (2005), na agropecuária os índices são muito elevados em razão da produção e do autoconsumo. Segundo os autores, as causas estão nas atividades desenvolvidas por estas mulheres, que por não gerarem rendimento, são vistas como extensão da posição da mãe, esposa ou dona de casa e deste modo provedora das necessidades da família cabendo ao pai o papel de gestão e de maior controle da unidade familiar.

Segundo Hereda & Cintrão (2006), na década de 1980 os movimentos das mulheres rurais contribuíram significativamente para a construção de políticas públicas voltadas a redução das desigualdades de gênero na agricultura principalmente no sul e no nordeste brasileiro. As autoras afirmam que os movimentos rurais têm sido promotores de alavancamento de políticas públicas, como na luta pela terra na forma de efetivação de política de assentamentos, movimento sindical, previdência social, e crédito voltado para a agricultura familiar.

Para Siliprandi (2009), a organização e participação das mulheres rurais tem se ampliado, à medida que passam a ser atuantes não apenas nos sindicatos e nos movimentos sociais, mas também associações e grupos de produção, que desenvolveram experiências produtivas alternativas em nível das propriedades, como: na agroecologia; na criação de centros de formação, para prestação de assessoria técnica e organizativa; na formação de espaços de comercialização como feiras, cooperativas, associações. Todas essas ações vêm se somando com os distintos movimentos para pressionar os governos pela adequação das políticas públicas às propostas das mulheres, ao mesmo tempo em que reafirmam para o conjunto da sociedade a sua especificidade enquanto mulheres, trabalhadoras rurais e produtoras agrícolas.

Diante do cenário histórico podemos considerar crescente a participação e o envolvimento das mulheres agricultoras na busca de sua valorização enquanto sujeitos de sua própria existência, este fato em pleno século XXI, torna-se um novo desafio para os profissionais da área, logo estudos envolvendo este tema tornam-se de extrema importância. Neste trabalho temos a proposta de analisar

a participação feminina, não só nas práticas agroecológicas realizadas em pequenos municípios da região norte do Estado, mas também o quanto a figura feminina está presente nas decisões que envolvem o setor financeiro da propriedade.

2 Materiais e métodos

2.1 Caracterização da área

A região do estudo está localizada no Norte do Estado do Rio Grande do Sul, as cidades analisadas foram Ronda Alta, Rondinha e Três Palmeiras, localizadas a cerca de 450 km da capital Porto Alegre. Ambas as cidades tem como principal fonte econômica a agricultura, e possuem entre 6 a 10 mil habitantes, com uma colonização basicamente italiana, nos últimos anos a intensificação da agricultura, juntamente com o plantio da soja, gerou a formação de grandes latifúndios, sendo a maior parte das áreas rurais cobertas por propriedades que variam de 100 a 250 hectares, caracterizando o novo cenário do meio rural nesta região.

Preocupada com o grande êxodo rural que estava havendo, como consequência do atual cenário que a região estava caminhando, a EMATER em parceria com a cooperativa local, a Cotrisal, resolveram fornecer cursos de agroecologia nas comunidades, como forma de evitar o “esmagamento” que estava ocorrendo dos grandes produtores sobre os pequenos. Esta atividade vem ocorrendo desde 2007 na região, e sob um novo sistema de produção implantado nas pequenas propriedades, a EMATER tem conseguido controlar a imigração de pequenos agricultores para as cidades.

Estes cursos são ministrados por profissionais da área agrônômica, fornecidos pela EMATER, além de fornecerem assistência técnica, dão aulas teóricas nas comunidades e práticas no campo, explicando toda a base da produção agroecológica para as famílias de pequenos produtores rurais. Estas aulas ocorrem uma vez por semana, e são de total responsabilidade da EMATER, já a cooperativa fica encarregada de recolher e comercializar o produto de origem orgânica.

Atualmente a EMATER é responsável pela produção e pelo lucro do produtor, como forma de mantê-lo seguro financeiramente. Já a cooperativa fica encarregada de ir até as propriedades no prazo estabelecido, e comprar os produtos orgânicos produzidos, os quais variam de frutas, hortaliças e legumes. E por fim a sociedade, que ciente da atual situação causada pela intensificação da agricultura convencional, se propôs a pagar mais por um produto de origem orgânica, sendo este encontrado na maior rede de supermercado da região, a própria cooperativa. Nos produtos encontra-se um selo no qual identifica a origem, deixando o consumidor ciente que está adquirindo um produto livre de agrotóxicos, conservantes e produzido na própria comunidade.

A maior porcentagem das propriedades que possuem este projeto com a EMATER e a cooperativa encontra-se no município de Rondinha, sendo um total de 26 propriedades, seguido de Ronda Alta com 16 e Três Palmeiras com 14. Segundo a EMATER isso se deve ao fato do município de Rondinha possuir um relevo muito acidentado, logo a prática do plantio direto se tornou inviável, já as outras duas cidades possuem cerca de 80 % de sua área rural destinada a agricultura convencional, aonde é plantado basicamente milho, soja, trigo e aveia.

O responsável técnico da instituição, o engenheiro Agrônomo Altamir Mendes, ressaltou que o projeto tem como objetivo principal controlar a vinda de pequenas famílias para as cidades, visto que estas estavam se tornando um problema para os municípios os quais não possuem um mercado de trabalho estável e acolhedor.

2.2 Análise da participação das mulheres nas propriedades

A análise da participação feminina nas atividades agroecológicas foram realizadas em 8 propriedades de cada município, Ronda Alta, Rondonópolis e Três Palmeiras, estas variam de 5 a 12 hectares. Esse estudo configura-se como estudo de caso que, na definição de Yin (2001), “é uma forma de se fazer pesquisa social empírica ao investigar-se um fenômeno atual dentro do seu contexto de vida real, onde as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e na situação em que múltiplas fontes de evidências são usadas”. No decorrer do texto são ressaltados trechos de entrevistas as quais evidenciam situações comuns entre as propriedades, e pontos marcantes da participação da mulher na agricultura.

Para obtenção de dados optou-se por utilizar a entrevista não estruturada. A entrevista é para Bogdan & Biklen (1994) uma conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, em que o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. A entrevista aberta ou não estruturada para Minayo (1993) é utilizada quando o pesquisador deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado, e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão.

As entrevistas foram importantes para compreender o contexto das mulheres nas atividades agroecológicas das propriedades, estas foram realizadas durante os meses de janeiro e fevereiro de 2015, aonde os depoimentos foram coletados com o auxílio de um gravador. De acordo com Biembengut (2008), buscou-se identificar atos explicitados no cotidiano, mas carregados de vida experiente. Para isso, procurou-se ouvir as entrevistados/as e reconhecer suas experiências mais significativas.

A análise dos dados foi inspirada nos procedimentos da análise textual discursiva (MORAES & GALIAZZI, 2011) que objetiva produzir novas compreensões sobre fenômenos e discursos.

3 Resultados e discussão

Boné na cabeça, marcas no rosto, mãos calejadas, um sorriso marcante e uma voz alta e receptiva, sempre servindo um mate acompanhado de bolo, cuca ou bolachas. Marcas de uma vida inteira tentando ganhar a vida sobre uma pequena propriedade, consumida ao redor por enormes latifúndios, em pequenos municípios localizados no interior do Norte do Estado. Estes são os pontos marcantes ao descrever a forma como vivem essas mulheres.

Trata-se da realidade da maioria das mulheres que compõem as 55 propriedades cadastradas no projeto, agroecologia em prol da agricultura familiar, juntamente com a cooperativa local. Um conjunto de mulheres que além de serem donas de casa, exercem um papel fundamental na produção no campo. Estas se diferenciam das demais, por se tratar de mulheres precursoras na introdução e manutenção de um sistema de produção agrícola novo na região, onde historicamente o homem esteve á frente de todas as etapas. Aqui vale ressaltar que a iniciativa na implantação da atividade agroecológica foi iniciada pela EMATER, a qual resalta que o principal obstáculo a ser superado eram os homens nas propriedades, sendo que depois de convencidos a adquirir este novo modelo de produção agrícola, as mulheres que veem tomando a frente da produção e dos cuidados no campo.

A fala da agricultora 1 (48 anos, Ronda Alta), trouxe a tona o contexto da agroecologia no município. Segundo ela, a proposta foi recebida com muito entusiasmo, visto que eles não tinham mais muita alternativa já que a produção com vaca de leite não estava indo bem, devido à desvalorização do produto nos últimos anos, e com apenas 12 hectares não iam conseguir viver de arrendamento. A mesma ressaltou que viveram a vida toda nesta área, e pela experiência dos conhecidos que já haviam se mudado para a cidade, não iam conseguir se adaptar, logo era uma das poucas alternativas que os restavam.

(1) Agricultora 1: *A gente era ainda uns dos poucos aqui ao nosso redor que não tinha se mudado. Estávamos já passando por necessidades, o leite tá muito barato, e pra quem produzia pouco que nem nós, “não dava” mais pra sobreviver. Não queríamos ir morar na cidade porque eu não ia me adaptar lá, foi então que um técnico da EMATER, falou com o meu marido sobre produzir alimentos pela atividade agroecológica e ele veio e me falou, como estamos já sem alternativas aceitamos. O técnico vinha aqui e todos da família escutavam as aulas no campo, hoje mais eu e minha menina que trabalhamos na produção, meu marido fica mais da parte de negocia com o cara da cooperativa que vem todas as quintas aqui pegar os produtos. Aos poucos ficamos sabendo de mais produtores pequenos como nós que também estão na mesma produção.*

Esta colocação feita por uma agricultora local sem dúvida evidencia o interesse em permanecer na agricultura, de não deixar o campo, o território. Nesse sentido, a relação com a propriedade é um traço marcante na agricultura familiar. A noção de propriedade e de pertencimento ao território ou à comunidade é bastante presente no cotidiano destas famílias e principalmente das mulheres. Refletindo sobre contexto semelhante, Fernandes (2006) ressalta que pensar o campo como território, significa compreendê-lo como espaço de vida ou um tipo de espaço geográfico onde se realizam todas as dimensões da existência humana.

Na concepção de Wanderley (2001), a agricultura familiar é entendida como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção produzindo para seu consumo e para o mercado, assume o trabalho no estabelecimento produtivo. Segundo ele, a conjugação dessas duas características, ou seja, o fato de uma estrutura produtiva associar família, produção e trabalho, tem consequência fundamental na forma como ela age econômica e socialmente.

Abramovay (1998) considera três atributos básicos importantes na agricultura familiar: gestão, propriedade e trabalho familiar. Concebe que a gestão da propriedade e a maior parte do trabalho é proveniente de indivíduos que mantêm, entre si, laços de sangue ou de casamento.

A decisão em permanecer na roça com a produção agroecológica evidenciou uma significativa mudança na vida das famílias. Quando trabalhavam com a agricultura nos moldes tradicionais, a produtividade tinha que ser alta e as jornadas intensas devido ao tamanho da área cultivada, e o dinheiro só era recebido no fim da safra quando a venda era feita. Já quando trabalham com a produção de leite, não havia finais de semana ou até mesmo feriados, era de domingo a domingo, sendo que nos últimos tempos a produção estava sendo pouco rentável. Com o novo modelo de produção agroecológica a realidade das famílias mudaram, como podemos notar no relato da agricultora 2 (62 anos, Rondinha):

(2) Agricultora 2: *Nossa vida mudou pra muito melhor, a gente não trabalha mais tanto, meus guris me ajudam, e ainda me sobra mais tempo pra cuidar da casa, meu marido fica mais na parte de negociar o produto e receber, ele não precisa trabalhar mais com venenos, e nosso lucro da pra viver bem. Nós nunca “imaginava” que de um pequeno pedaço de terra podíamos sobreviver com tanta fatura. Com a agroecologia produzimos bem menos, mas entra dinheiro toda a semana, o caminhão vem receber e da hora acerta com meu marido.*

Nesta fala podemos notar que a participação da mulher nas atividades econômicas teve um significativo aumento ao longo dos anos, porém ainda quem comanda o fluxo monetário e as principais decisões na propriedade é o homem.

De acordo com Woortmann (1997) na agricultura familiar, historicamente o pai de família é o indivíduo que reúne todas as condições para participar de todo o processo de trabalho. Quando este não está presente, o filho homem mais velho assume o seu lugar. Nesse contexto, o trabalho feminino é visto como ajuda a produção que pertence ao homem, e, portanto, é de sua responsabilidade e obrigação. Assim sendo, não tendo seu trabalho como reconhecido, ele não gera valor econômico e social, evidenciando assim, a divisão sexual do trabalho no âmbito agrícola e dificultando sua participação nas atividades remuneradas, que naturalmente cabem aos membros do sexo masculino.

Neste contexto o autor justifica o papel da mulher como coadjuvante nas questões financeiras e nas atividades que geram lucro, devido ao fato do homem ser o responsável pela produção e pelo processo de gerar lucro, porém vimos que mesmo não tendo este cenário nas propriedades em estudo, o homem continua a controlar o lucro.

Saffioti (2004) vendo a questão de uma forma mais geral aponta que o problema não está apenas no fato de que vivemos em um mundo com desigualdades de gênero, mas sim na existência de uma ordem patriarcal de gênero, ou seja, um mundo onde os homens exercem decididamente poder sobre as mulheres, e esse poder se expressa de várias formas.

Esta posição de coadjuvante no processo produtivo muitas vezes deriva das próprias atividades desenvolvidas pelas mulheres. Elas são as responsáveis pelos afazeres domésticos e desse modo, não podem se dedicar integralmente as atividades agrícolas. Além disso, desenvolvem atividades consideradas leves pelos homens (PAULILO, 1987). Corroborando com a autora, Brumer (2004), afirma que grande parte do trabalho da mulher permanece invisível na esfera produtiva, mesmo quando executa as mesmas atividades que os homens.

Este último autor ressalta o cenário visto nas propriedades, no qual mesmo a mulher realizando até um maior número de atividades que o homem, ela ainda não está sendo “merecedora” de controlar o lucro obtido pelas atividades locais, sendo este ainda apoderado pelo homem. Ao entrar neste contexto analisamos o trecho do depoimento do agricultor 3 (65 anos, Três Palmeiras):

(3) Agricultor 3: *A Ana é minha mão direita aqui, ela bota os guris trabalhar, e vão pra escola tudo certinho, e ainda cuida da casa, quando aparece alguma mancha nos alimento ela sempre me avisa dai eu chamo o técnico né, eu sempre vou pra cidade dai aproveito a viagem. E trago sempre o que ela me pede, ela vai junto às vezes, mas na maioria das vezes eu vou sozinho e já faço as compras. Não dá pra deixar a mulher controlar o dinheiro, senão elas gastam tudo (risos).*

Quando analisamos as falas das mulheres não podemos afirmar que a agroecologia chegou a lhes proporcionar um controle dos lucros, visto que o depoimento acima deixa claro, que apesar de grande parte da responsabilidade na produção ser das mulheres, isto não torna-se suficiente para gerar uma mudança de habito patriarcal, como citado por alguns autores. Porém conseguiu aumentar em grande escala a participação feminina nas escolhas empreendedoras da propriedade, apesar da mulher não possuir o controle financeiro, o homem também não faz uma aquisição sem consultar sua esposa. Este fato se deu em virtude do seu protagonismo produtivo e a sua intensa participação na gestão das propriedades e da associação, como pode ser observado no depoimento da agricultora 4 (47 anos, Ronda Alta):

(4) Agricultora 4: *Nesse lado de eu poder dar mais a minha opinião mudo sim, porque antes ele ia e vazia né, não me perguntava nada e agora como eu sei bastante das coisas, eu às vezes converso mais com o técnico que ele, ele vem me pergunta o que acha de nós troca de carro essas coisas. Mas prefiro ainda não me meter porque depois se dá errado ele fica falando que fui eu (risos). Mas se eu quero uma coisa pra mim eu vou lá e compro antes tinha que ficar pedindo.*

O que podemos perceber é que esta nova prática trouxe uma maior responsabilidade a estas mulheres, que antes só participavam dos afazeres do lar, mesmo isso não lhes dando total liberdade de controle dos lucros, elas passaram a se sentir mais livres, ao mesmo ponto em que podem participar das decisões que antes só cabiam aos homens. Nota-se que muitas ainda ficam presas no meio rural, pelo fato de não possuírem habilitação, das 24 propriedades visitadas somente seis mulheres possuíam carteira de motorista, este fator acaba tornando-as dependentes do marido para ir até a cidade. Porém nos depoimentos o que percebemos é que isto já se tornou uma situação cotidiana e normal, visto que nenhuma esboça problema, ou até mesmo vontade de obter a habilitação. Todas deixam bem claro que apesar de serem dependentes até certo ponto dos parceiros, não se sentem reprimidas ou menos importantes, para isso basta notar nas falas nas quais não foi presenciado

nenhuma situação de opressão, muito pelo contrário, todas são mulheres bem comunicativas, e informadas das atividades e do meio em que vivem.

Participar da agroecologia proporcionou a estas mulheres um espaço para mostrar à sociedade que elas também são capazes. O projeto foi levado também para a sociedade como um todo, como forma de incentivar o consumo dos produtos oriundos da agroecologia, no qual estas mulheres passaram a ser vistas pela sociedade e reconhecidas. E isso é notado claramente por elas, como podemos ver no depoimento da agricultora 5 (56 anos, Rondinha), e 6 (38 anos, Rondinha):

(5) Agricultora 5: *Depois que a gente começou a trabalhar nisso, e a produzir pra cooperativa, toda a vez que eu vou ao mercado encontro as outras mulheres vindo me mostrar que estão comprando o produto e gostando, muitas eu nem conheço, mas daí acaba fazendo mais amizade. Antes eu conhecia mais as vizinhas aqui de perto agora têm amigas na cidade, elas vêm me visitar, eu me senti até mais importante (risos).*

(6) Agricultora 6: *Eu vou pra cidade com o meu marido sempre encontro uma conhecida, antes eu nem ia muito porque ficava sozinha enquanto ele fazia as coisas dele, agora sempre tenho um lugar pra ir e tomar um mate e botar o assunto em dia, até porque a atividade deixa a gente ter um tempo mais livre, antes quando a gente tinha vaca de leite, eu nunca podia sair, a tardinha sempre tinha que ir tirar leite, e era cansativo principalmente no inverno. Agora mudou da água pro vinho, eu saio mais e não me sinto mais sozinha aqui.*

Quanto às perspectivas futuras da atividade agroecológica nas pequenas propriedades da região, a opinião tanto dos homens como das mulheres é unânime. A realidade é clara, manter os filhos no campo e fazer com que a propriedade seja levada a diante pelos herdeiros é muito difícil, na maioria das famílias analisadas, ou os jovens estão em casa por não terem terminado a escola, ou pelo fato de terem constituído uma família cedo e construído suas moradias junto à terra dos pais.

Durante as conversas ficou evidente que nem os pais mostram interesse dos filhos darem continuidade as suas atividades, todos afirmam que esperam que os mesmos continuem os estudos e se formem, desse modo a única forma é indo morar fora, sendo que a maioria acaba indo para Passo Fundo, cidade a 70 km da região, ficando difícil a volta para a cidade natal, visto que o mercado de trabalho também é bastante limitado. A dificuldade de manter os jovens em sua terra de origem não é exclusividade das zonas rurais, nas cidades essa realidade também existe, a maioria dos jovens que saem para estudar ou trabalhar não retornam.

Neste contexto não tem muito que se esperar do futuro da agroecologia na região, pois a tendência é as propriedades serem vendidas para os grandes produtores rurais das redondezas, os quais vão dar continuidade à produção de grãos.

Ao questionar o técnico da EMATER sobre o projeto, se o mesmo possui alguma alternativa para combater esta tendência futura, a resposta foi bem clara, só a instituição não tem forças para oferecer alguma condição que torne esta atividade, e a permanência no campo pelas gerações futuras, mais viável, segura e atrativa. É preciso fortalecer projetos com as prefeituras locais dos municípios, para que assim esta atividade não seja apenas uma fase histórica da agricultura, a qual surgiu como uma forma momentânea para solucionar um sério problema que já vem a anos sendo configurado na região.

4 Conclusão

Com o presente estudo pode-se analisar a posição que a mulher vem tendo diante do processo da agricultura familiar com bases agroecológicas em três municípios da região norte do estado do Rio Grande do Sul, bem como as mudanças proporcionadas para ambos os gêneros no decorrer deste processo.

Percebeu-se que para estes/as agricultores/as familiares, a agroecologia tem se mostrado uma alternativa viável e promissora, pois tem possibilitado agregação de valor à produção, geração de excedente, maior autonomia produtiva e qualidade de vida dos envolvidos.

A formação deste projeto ocorreu a partir da falta de alternativas que a município estava oferecendo para os pequenos produtores, desta forma a EMATER em conjunto com a cooperativa e contando com o apoio da sociedade, trouxeram a prática agroecologia a região, tornando-se um esforço mútuo na busca da permanência do pequeno agricultor no campo.

Pode-se perceber que a adoção do sistema agroecológico de produção resultou em mudança na forma como as próprias mulheres concebiam sua vida e a partir daí, redefiniram sua posição e sua importância na sociedade, a partir da emancipação e da visibilidade que seu trabalho proporciona, por abrir espaços para que elas atuem como sujeitos. Todas estas conquistas elevaram sua autoestima, diminuíram o preconceito e proporcionaram uma nova forma de organizar as propriedades e de gerir suas vidas. Certamente ainda são muitos os desafios a serem rompidos por estas mulheres. Mas é inegável a sua ascensão como protagonistas de uma nova forma de fazer, organizar e viver a agricultura familiar e que elas promoveram rearranjos familiares, autonomia econômica, e social.

Por fim, os resultados alcançados pela EMATER em conjunto com a Cotrisal e a sociedade, demonstram importantes avanços no sentido que atendeu o objetivo principal, enquadrando no mercado de trabalho os pequenos agricultores mantendo-os no meio rural, aonde possuem laços familiares e costumes vindos de gerações a gerações. Em consequência promoveu uma igualdade entre homens e mulheres, evidenciando que quando as relações de gênero se equilibram, o mesmo ocorre com as relações de poder.

Referências bibliográficas

- Anais da Convenção da Biodiversidade. Secretaria Estadual de Meio Ambiente. São Paulo, 1997.
- ABRAMOVAY, Ricardo. **Agricultura familiar e serviço público: novos desafios a extensão rural**. Brasília. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v.5, n.1, p.137-157, jan/abr.1998.
- BIEMBENGUT, Maria Salett. **Mapeamento na pesquisa educacional**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BITTENCOURT, Gilson A.; SABBATO, Alberto Di. **Novo retrato da agricultura familiar: o Brasil redescoberto**. Brasília: INCRA/FAO, 2000.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Editora, 1994.
- BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. Estudos Feministas. Florianópolis (SC), v. 12, n. 01, 2004. Disponível em www.scielo.com.br. Acesso em 22/03/2015.
- BRUMER, A.; PAULILO, M.I. As agriculturas do sul do Brasil. Estudos Feministas. Florianópolis (SC), v. 12, n. 01, 2004. Disponível em www.scielo.com.br. Acesso em 15/03/2015.
- DO CARMO, Maristela S. **A produção familiar como locus ideal da agricultura sustentável**. In: BRANDERBURG, A. Para pensar outra agricultura. Curitiba: UFPR, 2001.
- FERNANDES, B. M. **Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais**. In: MOLINA, M. C. (Org.). Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 27-39.
- HEREDA, B. M. A. de; CINTRÃO, R. P. **Gênero e acesso a políticas no meio rural brasileiro**. Revista Nera, Presidente Prudente, n. 9, p. 1-28, jan/jun. 2006.

MELO, H.; SABATTO, A. Mulheres Rurais - Invisíveis e Mal Remuneradas. In: BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Agrário/ Núcleo de Estudos Agrário e Desenvolvimento Rural. **Cirandas do Pronaf para mulheres**. Brasília: NEADR, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. **Pesquisa em sala de aula: fundamentos e pressupostos**. 2ª Edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

PAULILO, Maria Ignes. **O peso do trabalho leve**. *Ciência Hoje*, v. 5, n. 28, jan/fev. 1987, p. 64-70

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero e patriarcado**. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (orgs.). *A mulher brasileira nos espaços públicos e privados*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILIPRANDI, Emma Cademartori. **Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**. 2009. 291f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2009.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro**. In: TEDESCO, João Carlos (org.). *Agricultura Familiar Realidades e Perspectivas*. 3. ed. Passo Fundo: EDIUPF, 2001, p. 21-55.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, Parentes e Compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste**. São Paulo: Hucitec, 1997.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. Tradução Daniel Grassi. 2 ed. Porto Alegre: Bookmann, 2001.